

## **“ESTE CÁLICE É A NOVA ALIANÇA NO MEU SANGUE, DERRAMADO POR VOCÊS”**

Tomaz Hughes

É comum ler nas páginas dos jornais sobre várias alianças que se tecem entre partidos políticos, visando os seus objetivos a curto ou a longo prazo. É da natureza de tais alianças que sejam “de conveniência”, transitórias, destinadas a serem desfeitas logo que uma mais vantajosa apareça. Dependendo dos seus interesses econômicos e geopolíticos, nações que antes eram inimigas mortais fazem uma viravolta e entram em aliança entre elas, enquanto antigos aliados são abandonados. Na rua se vê muitos jovens usando uma aliança no dedo – sinal, como explicam, que estão “ficando”, ou seja, num relacionamento com alguém do sexo oposto sem compromisso duradouro. Assim o termo “aliança” soma-se à lista de outros termos como “amor” e “justiça” que perderam a densidade do seu sentido original, e de uma maneira especial do seu sentido bíblico.

Entre o Povo de Deus, Israel, o termo “*berit*” em hebraico, que nós traduzimos como “aliança”, significa uma relação de solidariedade entre duas pessoas ou duas partes, com deveres e direitos para ambas. No Mundo Antigo, uma aliança assim sempre tinha algo de caráter sagrado por estar sobre a proteção da divindade. A divindade não era apenas protetora da aliança mas também poderia ser um dos seus parceiros, como acontecia muitas vezes nas Alianças seladas entre Javé e o seu povo, abordadas também em outros artigos desta revista. A fidelidade de Javé se manifestava pelo fato dele permanecer fiel à sua aliança com o seu povo, mesmo quando este a rompia. Esta noção importantíssima na teologia do povo de Israel foi um dos conceitos também usados por Jesus para clarificar o sentido último da sua missão, sua vida, morte e ressurreição – e, portanto, para esclarecer a missão dos seus discípulos e discipulas.

No Novo Testamento, a palavra grega “*diatheke*” encontra-se vinte e seis vezes: sete em citações do Antigo Testamento, dezesseis vezes em alusões ao Antigo Testamento, e três vezes independentemente do Antigo Testamento. Essa opção pela tradução de “*berit*” através do termo “*diatheke*”, em preferência ao termo “*syntheke*” (tratado), segue a tradição da Septuaginta. Na linguagem do direito grego esse termo escolhido significa um testamento, com o acento caindo menos na natureza jurídica da convenção e mais na autoridade daquele que estabelece por ele o rumo das coisas. Assim os tradutores sublinham ao mesmo tempo a transcendência divina e a condescendência que dá origem ao povo de Deus.

No Novo Testamento, somente nos limitando aos Sinóticos, vemos que eles mantêm o conceito básico do termo “*berit*” do Antigo Testamento. Lc 1,55 refere-se às promessas divinas feitas especialmente a Abraão, e Zacarias, o pai de João Batista, louva a Deus que cumpre a aliança que fez com os patriarcas (Lc 1,72). Mas é no contexto da Última Ceia que a palavra “*diatheke*” salta aos olhos e toma uma importância única.

Situar a celebração da Nova Aliança no contexto de uma refeição comunitária traz fortes ecos das celebrações de alianças na Antiguidade e em algumas passagens do Antigo Testamento. Era freqüente os parceiros beberem ou misturarem o sangue um do outro, ou mergulharem as mãos em uma bacia cheia de sangue – de onde vem a expressão “o sangue da aliança” (cf. Ex 24,8; Zc 9,11). Como, para o hebreu, o sangue era a sede da vida (cf. Lv 17,14; Dt 12,23), os parceiros, misturando o seu sangue, tornavam-se uma só alma. Não era raro tomarem uma refeição comum (cf. Gn 31,46.54; 26,28.30; Js 9,14; 2Sm 3,20). Aqui se vêem muitos elementos da celebração de uma aliança que fariam parte do pano de fundo dos gestos de Jesus com seus discípulos e discípulas na Última Ceia. Depois de ter tomado e distribuído o pão com as palavras “Tomai e comei, isto é o meu corpo”, Jesus toma o cálice de vinho, o abençoa e passa aos seus convivas. A formulação mais breve achamos em Marcos: “Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos” (Mc 14,24); Mateus acrescenta mais um elemento: “para a remissão dos pecados” (Mt 26,28), enquanto Lucas (e Paulo) adicionam “Este cálice é a nova aliança no meu sangue” (Lc 22,20; 1Cor 11,25), e somente em Lucas encontramos o acréscimo “que é derramado por vocês”.

Desde os primórdios das comunidades cristãs, depois da experiência da ressurreição de Jesus, os seus discípulos e discípulas se reuniam regularmente para celebrar a “Ceia do Senhor”. No percurso dos séculos, desenvolveram-se muitas teologias diferentes sobre o sentido da celebração da ceia, nas diversas Igrejas, mas ninguém pode negar a importância desses relatos para uma compreensão nossa do sentido da Nova Aliança, da vida, morte e ressurreição de Jesus e as suas implicações para a vida e missão das comunidades de hoje.

### **O contexto de refeições e viagens em Lucas**

Refeições e viagens são elementos centrais em Lucas. Uma maneira de olhar este Evangelho é vê-lo como uma única grande viagem de Jesus até Jerusalém. Tecido dentro desta história de viagens é uma história de refeições. Existem dez ao todo, intercaladas regularmente dentro da viagem de Jesus a Jerusalém. Esta história começa com o banquete na casa de Levi (5,27-32) e termina com a refeição junto com os Onze antes da Ascensão (24,36-49). Entre essas duas encontramos mais oito:

- a refeição na casa de Simão, o fariseu (7,36-50)
- o partilhar do pão em Betsaida (9,10-17)
- a hospitalidade no lar de Marta e Maria (10,38-42)
- a refeição de meio-dia na casa de um fariseu (11,37)
- a refeição de sábado na casa de um fariseu (14,1-11)
- a recepção na casa de Zaqueu (19,1-10)
- a Última Ceia (22,7-23)
- o partilhar do pão em Emaús (24,13-35).

Podemos detectar duas influências nas histórias de refeições em Lucas:

- *O simpósio helenista*, uma prática entre pessoas de bens, de convidar hóspedes para uma refeição, para que pudessem ser engajados em conversação depois da refeição. Assim o hóspede de honra podia expor algum assunto.
- *A refeição de hospitalidade* (por ex.: Gn 18,1-5; 19,1-3).

Uma grande parte do ensinamento de Jesus se deu durante as refeições – um fato explicado pelo simpósio helenista. Às vezes a refeição em si era o sujeito de um ensinamento (14,7-11; 14,15-24).

De todas estas refeições, a mais importante é a Última Ceia. Como relatada por Lucas, é a última em uma série de oito, recapitulando as sete anteriores; e é também a primeira de uma série de três, antecipando, de certo modo, as próximas duas. Na verdade, pode ser vista sob dois aspectos, como a *Última Ceia* (22,15-18) e como a *Ceia do Senhor* (22,19-20).

Como “Última Ceia”, a refeição se relaciona à vida histórica de Jesus com a comunidade de seus discípulos, e formou parte do seu ministério que chegou ao auge na sua paixão e morte. Assim ela recapitulou todas as refeições anteriores de Jesus, e cumpriu a Páscoa histórica de Israel.

Como “A Ceia do Senhor”, ela se relaciona com a vida do Jesus Ressuscitado com a comunidade apostólica, e pertencem à vida da Igreja depois da ressurreição. Da sua posição de início, ela inaugurou a Nova Aliança, previu futuras refeições com o Senhor Ressuscitado, e antecipou o banquete celestial no Reino de Deus. Assim o “passar o cálice” se torna um gesto ritual, onde as palavras pronunciadas por Jesus conectam com o ato que ele vai realizar – a sua morte, aceita livremente para a redenção de muitos.

Assim fica claro que a instituição da Eucaristia não pode ser interpretada como somente o ato de um momento, ou sem conexão com outros eventos da vida de Jesus. Pelo contrário, a Eucaristia, instituída em uma refeição que foi ao mesmo tempo a Última Ceia e a Ceia do Senhor, aparece no seu sentido verdadeiro como epítome da vida, morte e ressurreição de Jesus, e como resumo do Evangelho inteiro. Assim, a Eucaristia é o memorial vivo do evento histórico da vida-morte-ressurreição de Jesus.

As palavras de Jesus na Ceia são coerentes com a sua compreensão da sua missão como sendo a do Servo de Javé. Essa identidade e missão ele já aceitou no seu batismo: “Este é o meu Filho amado, que muito me agrada” (Mt 3,17). As palavras aqui fazem eco de Is 42,1, mas também lembram de alguma maneira Gn 22,2 e Sl 2,7. Significavam que Jesus tinha a identidade e missão de ser o Servo Sofredor de Javé, e não um Messias político-glorioso. A identificação dos termos “Servo” e “Filho” foi possível pela palavra grega “*pais*”, às vezes usada na Septuaginta para traduzir o hebraico “*‘ebed*” (servo), mas também que significa “menino” e logo “filho”. Jesus, à revelia de muitos dos seus seguidores, sempre entendia a sua missão dentro deste contexto do Servo de Javé do Segundo e Terceiro Isaías e, em Lucas, enfatiza essa identidade e missão quando explicita o seu programa de vida na ocasião da sua visita à sinagoga de

Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar as Boas Notícias aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor. Hoje cumpriu-se essa passagem da Escritura que vocês acabam de ouvir” (Lc 4,17-21).

### **Fazei isso em memória de mim!**

Por isso, na Ceia Jesus entende a sua morte como sacrifício expiatório (cf. Is 53,10). Assim Ele será o mediador da Nova Aliança que o Livro de Consolação do Segundo Isaías fazia entrever (Is 42,6). Mas, no sacrifício de Jesus, os sacrifícios de animais do Antigo Testamento são substituídos por essa Nova Aliança que vem da vida e morte de Jesus e que estabelece definitivamente a união entre Deus e a humanidade. Assim os sonhos de Jeremias e Ezequiel se tornam realidade: “Eis que chegarão dias em que farei uma aliança nova com Israel e Judá” (Jr 31,31); “Farei com eles uma aliança eterna e nunca deixarei de fazer-lhes o bem” (Jr 32,40); “Farei com eles uma aliança de paz, que será uma aliança para sempre” (Ez 37,26) – graças ao sangue de Jesus (não somente como morte, mas como morte resultando de uma vida totalmente coerente com os desígnios e projetos do Pai), transformar-se-ão os corações humanos e receber-se-á o Espírito de Deus. Tudo que as alianças antigas prefiguraram agora se torna realidade em Jesus.

Mas a Aliança não é apenas uma letra morta escrita num papel ou num pergaminho. É algo dinâmico que envolve ambas as partes. Ela tem conseqüências práticas para a vida. A Nova Aliança celebrada na Ceia não é diferente. Jesus lança o que não é somente um convite, mas um desafio: “Fazei isso em memória de mim”. Em primeiro lugar é importante não limitar o mandamento de “fazer isso” a uma simples repetição das palavras e gestos de Jesus na Ceia. Temos que entender que no v. 19, quando ele disse “isto é o meu corpo, que é dado por vocês”, a palavra grega “*soma*” (corpo) não significa simplesmente o corpo físico humano, mas a vida toda, o ser humano total. Por isso, o convite e desafio de Jesus são para que os seus discípulos e discípulas vivenciem essa Nova Aliança seguindo o seu exemplo – não somente celebrando uma refeição ritual comum, mas doando os seus seres, as suas vidas em prol do projeto do Reino que foi a força motora de toda a atividade de Jesus, e que lhe custou a vida. As palavras “em memória de mim” não têm o sentido que talvez a nossa linguagem acarrete, de simples lembrança. Na mentalidade hebraica, “fazer em memória” era tornar presente de novo, participar na realidade daquilo que se comemorava. Assim, a celebração da nova e definitiva Aliança exige que, como Jesus doava a sua vida toda por outros, e simbolizava isso nas refeições partilhadas, assim os seus discípulos devem fazer – doando as suas vidas em serviço aos outros. O sangue de Jesus que sela essa Nova Aliança é a sua vida doada, conseqüência da sua vida vivida em fidelidade ao projeto do Pai e que leva à vida definitiva na Ressurreição. Assim, participar da Ceia para o discípulo e a discípula nunca pode ser um mero ato devocional, individual e intimista, mas a celebração da sua participação em uma comunidade de pessoas que querem “fazer a memória do Senhor”, ou seja, viver como ele viveu, doando as suas vidas

pelo Reino, até as últimas conseqüências, na luta para construir o mundo que Deus sonha. “O cálice da bênção que nós abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo?” (1Cor 10,16). A Aliança é uma via de duas mãos – tem como conseqüência que a comunidade da Igreja se empenhe, apesar de todas as suas fraquezas, no projeto de Jesus, que veio “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). A participação na Ceia sem este compromisso é o que Paulo chama de “comer o pão e beber o cálice do Senhor indignamente” (1Cor 11,27).

### **A Nova Aliança é Paz!**

O que afinal é o resultado da Nova Aliança? Diversas imagens bíblicas podem nos ajudar na sua compreensão, sem pretender esgotá-la. Jeremias antecipou-a quando profetizou: “A aliança que eu farei com Israel depois desses dias é a seguinte – oráculo de Javé: colocarei minha lei em seu peito e a escreverei em seu coração; eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo. Ninguém mais precisará ensinar seu próximo ou seu irmão, dizendo: ‘procure conhecer a Javé’. Pois eu perdôo suas culpas e esqueço os seus erros” (Jr 31,33-34). Ezequiel usou outra imagem: “Derramarei sobre vocês uma água pura, e vocês ficarão purificados. Vou purificar todos vocês de todas as suas imundícies e de todos os seus ídolos. Darei para vocês um coração novo, e colocarei um espírito novo dentro de vocês. Tirarei de vocês o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne. Colocarei dentro de vocês o meu espírito” (Ez 36,25-27). A Nova Aliança alcança o que foi vislumbrado como “com um espelho e de maneira confusa” (cf. 1Cor 13,12) nas outras Alianças e expressado através da palavra “*berit*” – o “*Shalom*” de Deus. Embora seja quase unânime traduzir este termo hebraico com a nossa palavra “paz”, o termo português não alcança a riqueza e a densidade do termo original. No Antigo Testamento, a palavra hebraica “*Shalom*” é de um conteúdo tão rico que dificilmente pode traduzir-se para outra língua. Os tradutores da Septuaginta sentiram bastante esta dificuldade: traduziram a palavra “*Shalom*” para o grego de 25 modos diferentes. Prevaleceu a palavra “*eirene*”, mas essa palavra ganhou assim, além dos sentidos que tinha no grego clássico, todos os matizes do “*Shalom*” em hebraico. Para apreciar em seu pleno valor a quantia de realidades que o termo “*Shalom*” engloba, é preciso sentir o sabor telúrico que persiste nesta palavra semítica até em sua aceção mais espiritual, e na Bíblia até o último livro do Novo Testamento.

O dicionário Aurélio define “paz” como “ausência de violência”. Essa definição não alcança, nem de longe, a riqueza do “*Shalom*”. Para o sistema hegemônico no mundo, basta não ter violência armada – contra as elites – para que haja paz. Jesus não compactua com essa visão, pois ele veio trazer o “*Shalom*”: “*Eu deixo para vocês a paz, eu lhes dou a minha paz. A paz que eu dou para vocês não é a paz que o mundo dá*” (Jo 14,27).

O “*Shalom*” é tudo o que o Pai quer para o seu povo, “o bem-estar total para todos”. E só existe quando reina o projeto de vida de Deus. Implica a satisfação de todas as necessidades básicas da pessoa humana, da libertação da humanidade do pecado e das suas conseqüências.

O “*Shalom*”, a verdadeira paz, é um dom de Deus. Mas pede a colaboração humana! Assim nos faz lembrar de novo que a Aliança tem dois lados – o de Deus e o das pessoas –, a nossa parte. O Reino de Deus já está no meio de nós, mas ainda precisa ser revelado em sua plenitude. Diante de tantas barbaridades no palco mundial hoje, de tanta violência no campo, da exploração do latifúndio, da impunidade, qual deve ser a atitude do cristão? Se nós acreditamos no “*Shalom*”, nunca podemos compactuar com sistemas repressivos ou elitistas que tiram da maioria (ou mesmo de uma minoria) os direitos básicos que pertencem a todos os filhos de Deus. Às vezes, este “*Shalom*” convive ao lado do sofrimento e perseguição por causa do Reino, mas quem experimenta na intimidade a presença da Deus, também experimenta a verdade da frase de Jesus: “Não fiquem perturbados, nem tenham medo” (Jo 14,27), pois disse ele: “eu venci o mundo” (Jo 16,33). Frequentemente, uma leitura fundamentalista do Evangelho, fortemente influenciada por ideologias de direita, insistia que Jesus veio trazer a “paz”, entendido como “ordem e progresso” na visão positivista das elites dominantes. Mas o próprio texto do Evangelho indica que esse tipo de paz estava longe da mente de Jesus. Ele mesmo diz com todas as letras em Mt 10,34: “Não pensem que eu vim trazer paz à terra; eu não vim trazer a paz, e sim a espada”.

Obviamente Jesus não diz que veio trazer a violência, pelo contrário, veio desmascarar uma paz imposta pela força, com base ideológica em uma falsa imagem de Deus, e que essa ação profética dele iria revelar as divisões já existentes na sociedade, nas religiões, no coração das pessoas. Pois a sua prática e pregação exigiram uma tomada de posição diante da violência, ostensiva ou ocultada – isso o levou a doar a sua vida, fonte da “Nova Aliança no meu sangue”. A não violência não é sinônimo de passividade. Pelo contrário levou Jesus a lançar-se em uma vida dedicada aos valores do Reino, entre os quais o “*Shalom*” tinha lugar premente, e por isso ele foi morto pelos interesses ameaçados por esta pregação da verdadeira paz – uma aliança de poderes religiosos, políticos, judiciais e econômicos. Por isso devemos sempre “fazer a memória de Jesus” – da sua pessoa e do seu projeto, para que tenhamos critérios certos para verificar a presença – ou ausência – do “*Shalom*” na nossa sociedade, e nos comprometemos com a criação do mundo mais justo que Deus quer.

O Reino de Deus não é algo escrito em uma tábua rasa. Já existe a força contrária, a do anti-Reino. Assim também, o “*Shalom*” não nasce num vácuo – cria-se em oposição à realidade dura da violência, mesmo quando disfarçada como paz. Por isso será sempre conflitivo – pois necessariamente provocará a reação dos que oprimem e violentam. A dedicação a ele exigirá uma mística profunda! Uma vida dedicada à construção do “*Shalom*” tem como fundamento uma profunda experiência de Deus. A luta pela paz, pelos oprimidos, por um mundo de igualdade e solidariedade para nós cristãos não pode nascer de uma simples análise de conjuntura, nem de uma indignação ética, por tão necessárias que esses elementos possam ser. A inspiração última da nossa luta pelo “*Shalom*” tem que ser enraizada na nossa fé – por ser coerente com o Deus em que nós acreditamos, o Deus que vê a miséria do seu povo, vítima da violência, que

ouve o seu clamor em favor da verdadeira paz, que conhece os seus sofrimentos, e que desce para libertá-lo de todas as formas da violência que tentam contra a vida (cf. Ex 3,7-10). É coerência com o seguimento de Jesus, o Verbo Divino que “se fez carne e armou sua tenda no meio de nós” (cf. Jo 1,1.14) vindo “para que todos tenham a vida e a tenham plenamente” (cf. Jo 10,10). Por isso devemos ouvir de novo a voz profética de Jesus que conclama a todos nós à conversão: “Convertam-se e acreditem na Boa Notícia” (Mc 1,14).

### **Viver a Nova Aliança.**

As raízes da violência, do anti-Reino, estão dentro de todos nós, como indivíduos e comunidade. Quando compactuamos com qualquer discriminação, quando defendemos a violência contra qualquer pessoa ou grupo, quando aplaudimos os maus tratos contra quem quer que seja, quando interpretamos a vida a partir dos opressores, quando nos entregamos à inveja e ao ciúme, ao ódio e raiva, ao racismo, machismo, classismo, ou a qualquer outro “*ismo*” que nos divide, estamos nos opondo ao “*Shalom*” de Deus, estamos rejeitando a realidade da Nova Aliança, estamos recusando de “fazer isso em memória dele”, mesmo que celebremos a Ceia. Quando colocamos a propriedade particular como um valor acima da vida humana, quando defendemos a pena de morte, quando apoiamos politicamente estruturas que acumulam bens nas mãos de poucos, quando aceitamos a ideologia do neoliberalismo, com o seu “Deus” do lucro, o seu “evangelho” de competitividade que faz do irmão e irmã os meus rivais, estamos contribuindo para que o “*Shalom*” não aconteça. A batalha contra a violência em favor da paz se travará em muitas frentes – dentro de cada um de nós, nas instâncias de poder político, religioso, eclesiástico e social, cultural. Os cristãos de todas as Igrejas terão uma responsabilidade muito grande de se tornarem arautos do “*Shalom*”, protagonistas de uma nova ordem social, seguindo as pegadas do Mestre que desmascarava a violência sofrida pelo seu povo – muitas vezes em nome de Deus – e trouxe a proposta de um mundo diferente, baseado nos valores do Reino.

Algo constante, sempre lembrado pelos profetas, na história do povo de Deus foi a fidelidade de Deus. Ele nunca rompeu com a humanidade, que rompeu tantas vezes com Ele. Esta fidelidade de Deus foi selada para sempre na Ceia: “A nova aliança no meu sangue, para a redenção de muitos”. A sua celebração comunitária nos convida e nos desafia para que descubramos nela o fundamento das nossas vidas, da nossa ação, do nosso ser. No dia da Ressurreição Jesus deixou bem claro este duplo aspecto da paz, quando ele cumprimentou os seus discípulos, fechados na sala, por medo. Jesus entrou, ficou no meio deles e disse: “A paz (*Shalom*) esteja com vocês”... Jesus disse de novo para eles: “A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês” (Jo 20,29-22). Jesus não promete a paz do comodismo, mas pelo contrário envia os seus discípulos em uma missão árdua em favor do Reino, e promete o “*Shalom*”, pois ele nunca abandonará quem procura viver na fidelidade ao projeto de Deus. Na continuidade da história das alianças desde as primeiras páginas da Bíblia e con-

victos da realidade da chegada da Nova Aliança em Jesus, assumamos esse desafio do discipulado, sem medo, com confiança, pois “eu estarei com vocês todos os dias até o fim do mundo” (Mt 28,20).

*Tomaz Hughes*  
Rua Baltazar Carrasco dos Reis, 887  
80215-160 Curitiba –PR  
e-mail: thughes@netpar.com.br

### **Bibliografia**

LÉON-DUFOUR, X. *et al. Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972.

VAN DEN BORN, A. *et al. Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes: 1971.

GIRAUDO, C. *Redescobrimo a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2002.